

Baden Powell está na diffe. Tranquilo, consciente, ele é hoje em dia o artista brasileiro mais solicitado para espetáculos no estrangeiro. E sabe o valor do trabalho que faz pela divulgação da música brasileira. Mas não foi facilmente que conseguiu atingir as portas do mundo musical de outros países, conquistando a posição que hoje tem, logo depois de algumas espetaculosas temporadas de fôme em Paris, muito trabalho sério, e uma fidelidade total à raiz da nossa música e ao seu estilo incomprometível. Apesar das críticas violentas que nos últimos vinte e cinco anos, o trabalho artístico do músico que nasceu em Viçosa e foi sempre foi instável. Hoje, porém, ele é alguém que sabe das coisas e não há quem possa atacá-lo de modo algum. Baden Powell, sobretudo, sabe ser amigo de seus amigos



BADEN VAI DE BACHA PIXINGUINHA

5 QUARTO CUSTA O SUCESSO

CONCELO Baden foi uma amo e nunca o foi um tranquilo. O homem que costuma a encontrar-se em sua casa de Barra porque estava muito o tempo na casa de Mônica, a namorada muito bem-amada, é alguém que transmite certeza e calma. O olhar penetrante não muda. Raro foi encontrá-lo falante e muito raramente, pois não é habitual seu falar e falar de música. Baden sempre esteve ligado ao que seria seu destino, e não teve nunca a menor dúvida sobre isso. Pode afirmar-se porque se lembra nitidamente do que lhe aconteceu na infância.

● Ainda bem que eu só tenho uma irmã, a Vera, porque se tivesse mais, ia cortar a minha unha. Desde criança eu gostava de música. Essa agitação de acender do madrugada e ficar ouvindo meu pai tocar. Quando tinha quatro, cinco anos, tinha vez que meu pai saía para o trabalho, eu pegava o violão dele escondido, e ficava tentando tocar. Depois quando, porque eu não pagava o meu luter. Um dia, estava lá meçando no violão, quando meu meu velho chegou. Manja aquela do barulho do chave na porta? Pois é. Ai eu fui fechar a casa depressa, e quando o avô, imaginei que ia me matar. Mas não. Acho que ele pensou: "É, isso é o trabalho da minha música."

● Sempre fui um saber no burgo. No colégio, quando criança, sempre fui penoso, na moletagem era um diabo. Foi um grande labirinto de mangia, de bruxaria, de carandim, de bom em bola de gude, bom brigador, jogava pedra na janela dos vizinhos, jogava pipa, foi um pouco bobão. Lá na Praça Pioves Pinheiro, onde ficava depois que sai da Viçosa e foi, com três meses de idade.

● Sempre fui um saber no burgo. No colégio, quando criança, sempre fui penoso, na moletagem era um diabo. Foi um grande labirinto de mangia, de bruxaria, de carandim, de bom em bola de gude, bom brigador, jogava pedra na janela dos vizinhos, jogava pipa, foi um pouco bobão. Lá na Praça Pioves Pinheiro, onde ficava depois que sai da Viçosa e foi, com três meses de idade.

● Quando eu tinha sete anos, minha tia tinha um violão muito bom, mas ela não sabia tocar. Ficava no pé do filho. Um dia fui na casa dela, arrastei o violão numa toalha de banho, e escondi dentro de uma caixa, pensando no que ia dizer pra explicar o ruído. Dois dias depois, quando ela veio a minha mãe encontrou o violão. Ela queria explicar, mas meu pai não deixou. Começou a me ensinar as primeiras posições, e como vai que todo que me ensinava eu ia pagando logo.

● Eu era muito tímido quando eu adulto, mas com as outras crianças, sempre fui penoso, na moletagem era um diabo. Foi um grande labirinto de mangia, de bruxaria, de carandim, de bom em bola de gude, bom brigador, jogava pedra na janela dos vizinhos, jogava pipa, foi um pouco bobão. Lá na Praça Pioves Pinheiro, onde ficava depois que sai da Viçosa e foi, com três meses de idade.

● Quando eu tinha sete anos, minha tia tinha um violão muito bom, mas ela não sabia tocar. Ficava no pé do filho. Um dia fui na casa dela, arrastei o violão numa toalha de banho, e escondi dentro de uma caixa, pensando no que ia dizer pra explicar o ruído. Dois dias depois, quando ela veio a minha mãe encontrou o violão. Ela queria explicar, mas meu pai não deixou. Começou a me ensinar as primeiras posições, e como vai que todo que me ensinava eu ia pagando logo.

● Quando eu tinha sete anos, minha tia tinha um violão muito bom, mas ela não sabia tocar. Ficava no pé do filho. Um dia fui na casa dela, arrastei o violão numa toalha de banho, e escondi dentro de uma caixa, pensando no que ia dizer pra explicar o ruído. Dois dias depois, quando ela veio a minha mãe encontrou o violão. Ela queria explicar, mas meu pai não deixou. Começou a me ensinar as primeiras posições, e como vai que todo que me ensinava eu ia pagando logo.

● Quando eu tinha sete anos, minha tia tinha um violão muito bom, mas ela não sabia tocar. Ficava no pé do filho. Um dia fui na casa dela, arrastei o violão numa toalha de banho, e escondi dentro de uma caixa, pensando no que ia dizer pra explicar o ruído. Dois dias depois, quando ela veio a minha mãe encontrou o violão. Ela queria explicar, mas meu pai não deixou. Começou a me ensinar as primeiras posições, e como vai que todo que me ensinava eu ia pagando logo.

● Quando eu tinha sete anos, minha tia tinha um violão muito bom, mas ela não sabia tocar. Ficava no pé do filho. Um dia fui na casa dela, arrastei o violão numa toalha de banho, e escondi dentro de uma caixa, pensando no que ia dizer pra explicar o ruído. Dois dias depois, quando ela veio a minha mãe encontrou o violão. Ela queria explicar, mas meu pai não deixou. Começou a me ensinar as primeiras posições, e como vai que todo que me ensinava eu ia pagando logo.

● Quando eu tinha sete anos, minha tia tinha um violão muito bom, mas ela não sabia tocar. Ficava no pé do filho. Um dia fui na casa dela, arrastei o violão numa toalha de banho, e escondi dentro de uma caixa, pensando no que ia dizer pra explicar o ruído. Dois dias depois, quando ela veio a minha mãe encontrou o violão. Ela queria explicar, mas meu pai não deixou. Começou a me ensinar as primeiras posições, e como vai que todo que me ensinava eu ia pagando logo.

● Quando eu tinha sete anos, minha tia tinha um violão muito bom, mas ela não sabia tocar. Ficava no pé do filho. Um dia fui na casa dela, arrastei o violão numa toalha de banho, e escondi dentro de uma caixa, pensando no que ia dizer pra explicar o ruído. Dois dias depois, quando ela veio a minha mãe encontrou o violão. Ela queria explicar, mas meu pai não deixou. Começou a me ensinar as primeiras posições, e como vai que todo que me ensinava eu ia pagando logo.

● Quando eu tinha sete anos, minha tia tinha um violão muito bom, mas ela não sabia tocar. Ficava no pé do filho. Um dia fui na casa dela, arrastei o violão numa toalha de banho, e escondi dentro de uma caixa, pensando no que ia dizer pra explicar o ruído. Dois dias depois, quando ela veio a minha mãe encontrou o violão. Ela queria explicar, mas meu pai não deixou. Começou a me ensinar as primeiras posições, e como vai que todo que me ensinava eu ia pagando logo.

● Quando eu tinha sete anos, minha tia tinha um violão muito bom, mas ela não sabia tocar. Ficava no pé do filho. Um dia fui na casa dela, arrastei o violão numa toalha de banho, e escondi dentro de uma caixa, pensando no que ia dizer pra explicar o ruído. Dois dias depois, quando ela veio a minha mãe encontrou o violão. Ela queria explicar, mas meu pai não deixou. Começou a me ensinar as primeiras posições, e como vai que todo que me ensinava eu ia pagando logo.

● Quando eu tinha sete anos, minha tia tinha um violão muito bom, mas ela não sabia tocar. Ficava no pé do filho. Um dia fui na casa dela, arrastei o violão numa toalha de banho, e escondi dentro de uma caixa, pensando no que ia dizer pra explicar o ruído. Dois dias depois, quando ela veio a minha mãe encontrou o violão. Ela queria explicar, mas meu pai não deixou. Começou a me ensinar as primeiras posições, e como vai que todo que me ensinava eu ia pagando logo.

COM SEU INSEPARÁVEL INSTRUMENTO, ELE CONQUISTOU AS PLATEIAS EUROPEIAS E DEPOIS MOSTROU O VERDADEIRO SAMBA AOS JAPONÊSES

Repórter em Viçosa, CAVALCANTI Foto de PAULO REIS

que pegar o trem, e ainda andava uns vinte minutos pra dentro de Realengo. Estava tratado pras seis horas da tarde, e ia ser um baile de quatro horas. Chegamos lá, era um batizado daqueles da pesada, o ambiente carregado, muita cachaça. E pouca água. A criança acordada na sala. Chorando, tadinha, mas tinha que ficar ali. Começamos o baile às oito. Quando foi meia-noite, todo mundo muito animado, resolvemos levar o baile por mais duas horas, por nossa conta. Às duas horas, chamamos o dono da casa, falamos que iam embora, e queríamos acertar as contas. Era um crioulo baixo, de metro e meio, forte, e não deixou a gente sair. Disse que o baile ia continuar, e por conta dele, até seis horas da manhã. Mas quando chegou seis horas, o cara já estava bêbado e não queria deixar a gente sair. Não ameaçou, não disse nada. Só tirou a camisa, botou uma peixeira na cintura, passou a chave na porta, e declarou:

— Só sai quando eu quiser.

● E a criança lá, na sala. E o pessoal dizia: — Olha a música, meu filho. E nós lá, tocando. Perguntamos a um dos convidados o que a gente podia fazer, e o cara disse:

— Não reparou que quando ele fala ninguém pia, todo mundo obedece? Pois é, ele é boa praça, mas não se pode aborrecer ele. É melhor vocês ficarem.

E nós ficamos. Até as oito. Aí o cara abriu a porta e resolveu deixar a gente sair. Então nosso pistonista, o Cecéu, foi lá pedir o nosso dinheiro. Aí o cara disse:

— Não comeu? — Comi. — Não bebeu? — Bebi. — Gostou? — Gostei. — Então o que é que quer mais? A gente foi embora e nunca mais viu esse dinheiro.

● Com 16 anos eu já tocava em cabaré da Lapa. Naquela época a Lapa era proibida para menores de 21 anos, mas eu já trabalhava lá. Depois comecei a tocar em boates e com

orquestras, conjuntos, inclusive gravando. Não tive os problemas que os artistas geralmente têm para gravar, porque estava sempre nas gravadoras com as orquestras, e um dia um diretor da Philips me chamou e perguntou se eu não queria gravar um elepê sozinho. Chamava-se **Apresentando Baden Powell**, e na capa tinha uma mulher loura, com cara de quem ia espirrar. O segundo disco chamava-se **Um Violão na Madrugada**.

● Aí eu comecei a acompanhar cantoras. Conheci a Silvinha Teles, que acompanhava no Beco das Garrafas, e a Dolores Duran, que acompanhava no Jirau. Dei umas músicas pra Dolores pôr letra, mas ela morreu e não deu tempo. Conheci então o Billy Blanco, e com ele fiz o meu primeiro samba oficial, que foi o **Samba Triste**.

● Um dia, cheguei na Rádio Nacional e encontrei um amigo. De repente, virei pra ele, e disse: — Nunca mais na vida eu vou tocar guitarra.

Eu tinha 19 anos. Dei minha guitarra e tôda a aparelhagem e nunca mais peguei numa guitarra. Passei então a tocar o violão simples, o que obrigava os caras a porem um microfone perto, só pra mim. Acho que fui eu que comecei isso aqui. Depois, aos poucos, eles foram se ligando no som, e a turma



Em Paris, no princípio, Baden Powell passou fome. Hoje, porém, é tão popular na França que todo ano grava um longplay lá.

passou a adotar o violão simples.

● Aí eu conheci Vinicius. Conheci na boate Arpège. Lembra dessa boate? O **show** na época era, imagine, Tom Jobim e Ari Barroso. Eu tocava numa outra boate lá perto, e na hora da folga ia lá assistir ao **show**. E o Vinicius estava sempre lá. Um dia falei com ele, ele me deu o telefone, fiquei de ligar. Nessa época ele estava acabando de fazer o **Rancho das Flores**. Foram mil bôlos de início, naquela do **aparece, vou telefonar amanhã**, etc. Mas o primeiro encontro foi encontrar e ficar. Fiquei morando três meses na casa dele. Foi em 1959. Fizemos logo uns 12 sambas. Entre eles, **Samba em Prelúdio, Consolação, Só Por Amor, Astronauta** e outros. Mas nunca fiz **show** de temporada com Vinicius.

NESSA época, eu ia tocar nos lugares e se gostasse, ficava, emendando uma música na outra, deixava de lado todos os compromissos. Foi assim que fui pra Europa: estava com um contrato assinado para os Estados Unidos. Aí fui jantar com um amigo numa churrascaria, e já estava muito alto, e o cara falando da Europa, que a Europa é que era bom, etc., aí eu resolvi que eu ia mesmo era pra Europa. Sem contrato, sem nada, peguei o avião e saltei em Orly pra ver como é que era. Fui pra ficar um mês, fiquei mais de dois anos. No primeiro mês foi legal, mil contratos recusados. No segundo mês, as coisas apertaram, mas nem por isso me rendi. Continuei recusando os contratos que não eram como eu queria.

● Então conheci o Pierre Barrouh, que sempre foi ligado nas coisas do Brasil e falava um pouco o português. Ele foi me procurar no hotel, batemos aquele papo e ficamos amigos. Foi ele quem me aranjou, no terceiro mês, um contrato para um concerto no Olympia. Estudei tôda a semana anterior, aquela era a minha grande chance. Na véspera do concerto, fui fritar uns ovos e o cabo da frigideira estava solto. A manteiga virou nas minhas duas

mãos. Fiquei quase louco, enfiei a mão no álcool com outro negócio lá, e fiquei de mólho até o dia seguinte. Consegui tocar e foi o maior sucesso. Mas senti uma dor! Depois desse concerto, as coisas engrenaram.

● Durante dois anos e meio preparei a cama pra mim na Europa. Foi duro, mas valeu a pena. Hoje não preciso passar mais do que quinze dias no máximo por lá, quando quero resolver alguma coisa. Voltei por uma inevitável necessidade profissional. Quando cheguei, estavam aqui na fase daquele programa **O Fino da Bossa**, da TV Record, e passei a tocar sempre lá. Nessa época, às vezes eu começava improvisando e me esquecia, sabe? me esquecia da música que estava tocando no começo, e terminava sempre com o **Samba Triste**. Uma vez, eu estava dormindo embaixo da bateria quando me chamaram para entrar no palco. Eu estava morrendo de sono, e entrei sem saber o que ia tocar. Aí comecei a inventar. Toquei uns dez minutos sem saber o que estava tocando. Quando acabei, foi aquele aplauso, a Elis veio me perguntar o que eu tinha tocado, e eu não sabia. Voltei pra debaixo da bateria e continuei dormindo.

● Uma outra vez eu estava fazendo **show** no Teatro Santa Rosa, com a Alaíde Costa. Mas estava naquela de estafa, manja? Sabe, quando você se esquece das coisas, e tal? Pois é. Aí nesse dia tinha duas sessões. Entrei e fiz o primeiro ato da primeira sessão. Voltei pro camarim e disse ao pessoal que ia dormir uns quinze minutos, e que eles me acordassem para fazer o segundo ato. Quando acordei, acordei nôvo, desperto. Aí cismeiquei que já tinha acabado a primeira sessão, e queria porque queria fazer de nôvo o primeiro ato como se fôsse da segunda sessão. Levei uns quinze minutos discutindo, e entrei certo, mas não me convenci. Isso tudo que me acontecia era naquela época. Agora é tudo diferente, eu já não estou mais naquela de boêmia.

● E nem faço mais televisão. O que é que eu vou fazer na televisão, me diga? O que é que eu vou fazer lá? Esses



programas que têm aí? Eu não, que não sou doido. Hoje em dia, sabe, o negócio é que tem mais compositor do que música. Eles ficam querendo inventar esse tal de som livre, som universal. Som livre porquê? Desde quando que o som está preso? O som é o som, pronto. E agora esses compositores novos estão querendo inventar um som diferente, mas o som não pode ser diferente do que é. A música brasileira é brasileira. A americana é americana, e a francesa, francesa.

● Há pouco tempo, num estúdio na França, participei de uma reunião de maestros, músicos e intérpretes. Por acaso, a gente estava no estúdio e na hora do almoço houve aquela reunião. Eles começaram a discutir sobre música, e chegaram à conclusão de que nenhum país pode mais criar nada musicalmente, a não ser o Brasil. Que os outros países já estão velhos, gastos, já não têm mais nada pra dar. Só o Brasil é que tem condições de criar alguma coisa em música. E eles disseram que o Brasil podia alimentar o mundo durante 30 anos, com um tipo de música diferente para cada país.

● E esses garotos ficam aí, querendo importar ritmo americano ou inglês. Não é nada

disso. Lá fora, nossa música tem uma personalidade. A música brasileira é o samba. Então o pessoal quer ouvir samba. Porque é que o Simonal só ficou dois dias no Olympia? Porque ele chegou lá e começou a cantar aquele negócio d'ê de pilantragem, que não passa de som americano. E como o pessoal não entende a letra e não encontrou samba, levantou e saiu.

● Eu, por exemplo, lutei muito para conseguir a posição que tenho hoje no exterior. Depois daquela época do **Fino**, já voltei à Europa várias vezes. Recentemente estive fazendo **shows** e gravando na Alemanha, no Japão e em outros países. No Japão me dá o maior **grilo**, porque não dá pra entender nada. Eu não falo nada de japonês. Mas quem é que fala japonês? Você já ouviu dizer de alguém que tenha aprendido a falar japonês? Pois é.

AGORA o mais engraçado é que quando estive fazendo a última turnê pela Europa, eles cismaram que eu falava francês. Eu falo um francês de botequim, bato papos sem problema, mas pra dar entrevista é outro negócio. Então, em todo lugar que eu chegava, lá estava na televisão o apresentador, e uma mocinha bonitinha que falava francês. E começava a me fazer as perguntas tôdas em francês, e eu morria de explicar que a minha língua era o português, era na minha língua que eu poderia me expressar melhor.

● Acho que o meu sucesso lá é pelo fato de eu tocar o que eles consideram música brasileira. Porque lá o público não vaia, mas quando não gosta, levanta e vai embora. Se não encontra o que espera, não gosta. Neste momento Baden Powell deve estar no Japão, gravando um disco com imagem. Quer dizer, compra-se o disco e um pequeno visor onde se vê um **tape** do artista. Coisa de japonês. Nos planos para este ano, há um possível **show** de teatro em março, no Rio, e a partir de abril, viagens por diversos países, até o carnaval de 72.

COM 10 ANOS DE IDADE É LE JÁ ERA PROFISSIONAL

Baden goes from Bach to Pixinguinha

Baden Powell lives in his own world. Calm and self-confident. Today he is one of the most sought after artists for performances outside the country. He is aware about the meaning of what he has done to spread Brazilian music to the foreign countries.

It was not quite easy to open the doors for the music to get in other countries and to get himself in a high position as a musician today. That means, it was a hard and serious work in Paris, faithfully staying to the roots of Brazilian music and his own incomparable style. The art of Baden, who was born in Varre-e-Sai, has always been untouchable, even though there was a lot of criticism about this bohemian life. Today he is a master and not to be criticized in any way. First of all Baden Powell knows how to be a friend to his friends.

With his beloved guitar he conquered the European country and showed the Japanese people the real samba.

The first time when Baden Powell was in France he had a difficult time becoming accepted, but now he is so famous that he is producing one record each year.

I know Baden since eight years, and have never seen him so calm. You never meet him in his flat in Barra, because he is always staying with his beloved girl friend Marcia. Baden is a person who always appears confidently and gives safety. His serious eyes do not change. He is not the type of person who is funny and talks a lot. Baden follows his destiny to be a member of a family with musical tradition. He knows all ups and downs.

He says: "I am glad that I have only one sister, Vera. I wonder if I would have got on with more brothers and sisters. I always loved music. When I woke up, I listened to my father play Serenatas, and I knew that I would go on playing when I got older. When I was four or five years old and my father was not at home, I carefully grabbed the violin and tried to play. I knew he would hit me, when he found out. Once when I just got the violin, I heard my father coming home. Wasn't there a voice at the door? Yes, it was. So I closed the violin case and the bow broke. I thought he would kill me! But No! I think he might have thought: "So he is going to do music."

When I was seven years old, my aunt won a guitar in a lottery. But my aunt could not play the guitar. So it was just only a decoration. One day I was in her flat, wrapped a towel around the guitar and hid it under my bed, thinking of the consequences of my robbery. Two days later my mother found the guitar, when she was cleaning the room. She wanted to bring the guitar back, but my father stopped her. He showed me the first chords and he realized that I was a good pupil. A little later we played together and so he decided to send me to a teacher, whose name was Jaime Florence. He taught me until I was thirteen years old, then he said: "Now it's your turn."

I was very shy towards grown-ups, but with other children I was very wild, I was a "devil." I was a big thief of mangos, cherries and karambolas. I was good in every wild game in the streets of Praça Pinto Peixoto, where I lived after I moved away from Varre-e-Sai when I was three months old.

I was always the leader of making nonsense. If something happened in school, I was always the first. I had gym lessons and the boys were separate from the girls and in May we all made gymnastics for one hour. The girls left their clothes behind the school. Once my friend and I grabbed their clothes and threw it into a washing machine. That was a big trouble!

So they sent me home from school, not for the first time. The director of the school liked me, and asked me to come back again, also because I was the horn player of the school band. And they needed me. Once they only came to my house to bring me to a parade, where I would play the horn. They brought me back, but I was didn't belong to the school again. When I was fourteen years old, it was my third year of the high school, they kicked me out of school again. At that time I was a professional musician and I

didn't miss the lessons at school that I didn't get.

When I was nine years old, I took part in a talent-competition and I won. I was very small, but I could play like a professional. They audience loved and praised me. So I won a lot of money and was always the best of all.

When I was ten years old, I had a guitar pupil. She was sixty years old and wanted to learn how to play a valse. I came in with my bags full of toys and sat down taking a look at my watch. The lesson took one hour, but I stopped it after fifty minutes. I could not stand to hear the servants whispering on the floor: "Why can't you play a valse"?

At that time the Lady paid a lot of money, but unfortunately the woman had arthritis and that's why she could not play the guitar. Finally she paid and I was playing for one hour for her, while she was listening. After that she went home.

I became a professional without realizing it. In the holidays from school, I went on a vacation with Renato Murce, Eliana, Cil Farney and other artists. When I was fourteen years old, we, that means Bituca on drums, Milton Banana, other guys and me, found the group, which was called: "Unidos de São Cristóvão". We played in dance halls and got to know the "stinky" music business.

Once there was a dance in Realengo. A dance for a baptism. They used to dance for everything.

Even on a wedding, the bride used to stay on dancing until the last guest was gone. She did not go on vacation right away.

The party should go on for four hours. We start it at eight o'clock at the evening.

At midnight it was a big party we decided to make music for free for two hours. Then we ask the boss of the party for our money. The end of the story was, that we did not see any money. The boss says: "Did not you eat? Did not you drink? Did not you had fun? So what are you asking me for?"

When I was sixteen years old I played already in a cabaret "Lapa". It was forbidden for young people under 21, but I was working there. Then I began to play in Bars, with orchestras and groups, and I also began to record music.

Once the director of Philips ask me to record a solo Lp. We called it "Apesentando Baden Powell" and you can see a fairy woman of the cover with a lovely face. My second Lp was called "Um Violão na Madrugada".

Also I began to play with Silvinha Telles and Dolores Duran. I ask Dolores to write some lyrics to my compositions but she died before she could finish the work.

Then I met Billy Blanco and together with him I wrote my first official Samba, called "Samba Triste".

One day when I was at "Radio National" I met a friend. Suddenly I turned around and said to him: "I am never going to play an electric guitar again." I was 19 years old and I gave him my guitar and all the equipment and I never played an electric guitar again.

Since then I only played on my classical guitar and that forced the people to place a microphone only for me. I was the first who played with a guitar in front of a microphone.

It just took a little time then my friends accepted my classical guitar and they changed also the instruments.

Then I met Vinicius at the bar "Arpège". At that time there was the show with Tom Jobim and Ary Barroso. Vinicius was always staying at the bar. Once I talked to him, he gave me his number and we made a date. It was the time when he composed "Rancho das Flores".

When we first met, we knew what it means to stay together. I lived in his house for three months. It was in 1959. We composed about twelve sambas, for example, "Samba em Preludio", "Consolacao", "So Por Amor", "Astronauta" and others. But we never played a complete show together.

I was playing all around and when I was in a good mood I could not stop and I forgot all my dates. I first had a contract with the United States but I went to Europe because a friend of mine told me how beautiful it is in Europe. So I decided to go to Europe without having any contract or anything. I just took the plane and arrived in Orly. I wanted to

stay for a month, but I stayed for two years. The first month was very good, but I always denied a lot of offers and contracts which I did not like.

Finally I met Pierre Barouh, who had always been interested in Brazil and who could speak a little Portuguese. He visited me in my hotel and we talked and became friends. He was the one, who arranged a contract for a concert at the "Olympia" after three months of our friendship. It was my big chance and I practiced the whole week. In the evening before the concert I burned my hands with hot butter, while I was baking eggs. The pan was broken. I put alcohol and other medicine directly over the hands and I could play the next day. I was a big success, even though I had much pain! After this concert the things worked out better for me.

I lived in Europe for two and a half years and it was a very hard time but it was worth it. Nowadays I must stay for fifteen days when I have to check something out.

I came back to Brazil for professional reasons. They just played "O Fino da Bossa" of Tv-Record and I played there. At that time I used to improvise and at the end, it was always "Samba Triste". I could not tell with what song I started. I just forgot it. Once, I was sleeping under the drums, when they asked me to come on stage to play. Quickly I got up, nearly sleeping and started to play. But I did not know what. I began to create something for ten minutes. When I stopped there was a big applause. Elis Regina was astonished, she also did not know the piece. Then I went back to the drums and slept again.

Once I had a show together with Alaide Costa at Teatro Santa Rosa. I had two performances on this day. So I played the first part of the first performance. Then I went back in the backstage and told someone that I was going to sleep for fifteen minutes and asked him to wake me up so that I can play the second part of the first show. When I awoke I felt good and wanted to start the second performance of the evening but they told me that I must play the second part of the first show! I was very confused and I was arguing for fifteen minutes and I played the right show. That was my life at that time. But now I don't live that bohemian life anymore.

Part VI

I do not take part in TV shows anymore. For what? Today it's like this, you know. The most important thing is the composer and not the music. They still want to create that free universal sound. A free sound? Why? Is the sound in a cage? Sound is Sound - that's all. And now these composers want to create a new sound, but the sound can not be changed - it's what it is. The Brazilian music is Brazilian. The American music is American and the French music is French.

Not long ago I was in a studio in France and I met conductors, musicians and interpreters. They all talked about music and the result was that Brazil is the only country which is able to create the best music. They said that other countries, old and weak, are not able to create anything new. They said also that Brazil can give music to the world for thirty years, each country a different style.

And these guys still want to import American and British rhythms. Not with me! Our music has a personality. The Brazilian music is the Samba. That is why the people want to hear Samba. Why did Wilson Simonal just play in "Olympia" for two days? He played his own creation of music and it did not sound American. The people did not understand the lyrics and did not hear a Samba, they stood up and left.

I, myself, worked hard to get the position I have nowadays in the foreign countries. After this time with "O Fino da Bossa" of Tv-Record, I returned to Europe several times. In the last time I had shows and recordings in Germany, Japan and other countries. But Japan is the more difficult country for me, because I can't understand anything and I don't speak Japanese.

Well, the most funny thing what happened at my last tour in Europe was, that they all thought I would speak French. I speak only a cafe-house French, a small talk is no problem but an interview is something else.

Well, where ever I have been, there was a TV-Moderator and a beautiful girl that spoke French. And she starts to ask me questions in French and I had to

explain that my language is portuguese, where I can better explain what I want to say. I think I am successful because I play the music which they think is brazilian. The people don't yell at me, when they don't like my music, they just stand up and go. When they don't hear what they expect, they don't like it.

At this moment Baden Powell is in japan to record an Lp with a movie-machine. That means to buy an LP with a little movie-screen, where you can see a movie with Baden Powell. Made in Japan. Maybe he plans a show in the Theatre in Rio in March and he goes on tour through several countries until Carnaval 1972.

From "Manchete", No. 983 - 20.2. 1971

Reportage from Virginia Cavalcanti
Photos by Paulo Reis

We thank the musician Joe Carter from the United States for his translation.

* * * * *

Baden va de Bach à Pixinguinha

Baden Powell vit dans son propre monde, calme et sûr de lui. Aujourd'hui, il est l'un des artistes les plus demandés pour ses concerts en dehors de son pays. Il a conscience d'avoir fait connaître la musique brésilienne à l'étranger. Ce ne fut pas très facile de faire pénétrer cette musique dans d'autres pays, et de devenir un musicien apprécié. Cela veut dire que ce fut une tâche ardue et sérieuse à Paris, de rester fidèle aux racines de la musique brésilienne et à son style incomparable. L'art de Baden, qui naquit à Varre-e-Sai, est toujours resté le même, malgré les nombreuses critiques sur sa vie de bohème. Aujourd'hui, c'est un maître incontestable et incontesté. En premier lieu, Baden Powell sait comment être un ami pour ses amis. Avec sa chère guitare, il a conquis l'Europe et a montré au peuple japonais ce qu'est la vraie samba. Au début de son séjour en France, il eut une période difficile avant d'être accepté, mais il maintenant si célèbre qu'il produit un nouveau disque chaque année. Je connais Baden Powell depuis 8 ans et ne l'ai jamais vu aussi tranquille. Vous ne pouvez jamais le voir dans sa résidence de Barra car il demeure toujours chez Marcia, sa bien aimée. Baden est une personne qui se montre toujours confiant et réconfortant.

Son regard sérieux ne change pas. Il ne fait pas partie de ces gens amusants et bavards. Baden suit sa destinée de membre d'une famille de tradition musicale. Il connaît des hauts et des bas. Je suis heureux d'avoir seulement une soeur, Vera. Je me demande si je me serais bien entendu avec plusieurs frères et sœurs. J'ai toujours été un amoureux de la musique. Un jour, en me réveillant, j'ai entendu mon père jouer Serenatas, et j'ai su que je deviendrais musicien. Quand j'avais 4 ou 5 ans et que mon père était absent, je prenais son violon pour en jouer. Je savais qu'il me battrait lorsqu'il s'en apercevrait. Un jour, je venais de le prendre lorsque j'entendis mon père rentrer à la maison. N'était ce pas une voix à la porte ? Oui, c'était bien ça.. Aussi je refermai l'étui du violon et l'archet se brisa. Je pensai qu'il allait me tuer. Mais non ! Je suppose qu'il s'était dit « bien, il va faire de la musique »

J'avais 7ans lorsque ma tante gagna une guitare dans une tombola. Oh, c'était une simple décoration. Un jour que j'étais chez elle, j'enroulai une serviette autour de la guitare et la cachai sous mon lit, pensant aux conséquences de mon larcin. 2 jours plus tard, ma mère découvrit la guitare en faisant le ménage. Elle voulut rendre la guitare, mais mon père l'en empêcha. Il m'apprit les premiers accords et se rendit compte que j'étais un bon élève. Un peu plus tard, nous jouâmes ensemble et il décida de m'envoyer chez un

professeur, du nom de Jaime Florence. Ce dernier m'enseigna jusqu'à 13 ans et me dit alors « maintenant c'est ton tour »

J'étais très timide avec les adultes, mais avec les autres enfants j'étais très dissipé, un vrai petit diable. J'étais un grand voleur de mangues, de cerises, et de caramboles.

J'excellais dans tous les jeux dans les rues de Praça, Pinto Peixoto, où nous vécûmes après avoir quitté Varre-e-Sai lorsque j'avais 3 mois.

J'étais le champion des bêtises. Lorsque quelque chose se passait à l'école, j'étais toujours le premier.

Nous avions des cours de gymnastique, et les garçons étaient séparés des filles, mais au mois de mai, nous faisons tous une heure de gymnastique. Les filles laissent leurs vêtements derrière l'école. Un jour, avec un copain, nous avons pris leurs affaires et les avons jetés dans une machine à laver. Ce fut un grand tollé !

Aussi je fus renvoyé de l'école, et ce n'était pas la première fois. Le directeur de l'école, qui m'aimait bien; me demanda de revenir à nouveau, également parce que je jouais du Cor dans l'orchestre de l'école et qu'ils avaient besoin de moi. Une fois, ils vinrent me chercher à la maison pour aller au défilé jouer du cor. Et me ramenèrent à la maison, mais je ne faisais déjà plus partie de l'école.

A 14 ans, pendant ma troisième année de collège, ils m'expulsèrent de l'école à nouveau. J'étais devenu un musicien professionnel et les cours ne m'ont jamais manqué.

A l'âge de 9 ans, je pris part à un concours et le gagnai. J'étais très petit, mais je jouais comme un professionnel. Les spectateurs m'aimèrent et me récompensèrent. Je gagnai ainsi pas mal d'argent et j'étais le meilleur de tous.

A 10 ans, j'avais une élève. Elle avait 60 ans et voulait apprendre à jouer une valse. Je m'installais avec mon sac de jouets, m'asseyait par terre en regardant ma montre. La leçon devait durer une heure, mais je l'arrêtais après 50 minutes. Je ne pouvais pas supporter les chuchotements des domestiques sur le palier : pourquoi n'arrivez vous pas à jouer une valse?

A ce moment là, la dame me donnait beaucoup d'argent, mais malheureusement elle avait de l'arthrite, ce qui l'empêchait de jouer de la guitare. Finalement, elle payait et je jouais une heure pour elle, alors qu'elle m'écoutait. Après cela, elle retournait chez elle.

Je devins un professionnel sans m'en rendre compte. A l'occasion des congés scolaires, je partais en vacances avec Renato Murce, Aliana, Cil Farney et d'autres artistes. A 14 ans, nous, c'est-à-dire Bituca à la batterie, Milton Banana, d'autres et moi, fondèrent le groupe « Unidos de Sao Cristovao ». Nous jouions dans les bals et nous nous familiarisèrent avec l'odeur peu engageante du show business.

Un fois, il y eut un bal à Realengo. Une danse pour un baptême. Ils avaient l'habitude de danser pour tout et n'importe quoi. Même à l'occasion d'un mariage, la mariée dansait jusqu'au départ du dernier invité : elle ne partait pas avant cela.

La soirée devait durer 4 heures. Nous commençâmes à jouer vers 8 heures du soir. A minuit, la soirée battait son plein et nous décidâmes de jouer gratuitement 2 ou 3 heures de plus. Puis nous demandâmes notre salaire. La fin de l'histoire est que nous ne vîmes pas la couleur de l'argent. L'organisateur de la soirée nous dit « vous n'avez pas mangé ? vous n'avez pas bu ? Vous ne vous êtes pas amusés? Alors que voulez vous de plus?

A 16 ans, je jouais déjà dans un cabaret « le Lapa » L'entrée était interdite aux moins de 21 ans, mais moi j'y travaillais. Puis je commençai à jouer dans les bars, avec des groupes et des orchestres, et ne tardai pas à faire des enregistrements.

Une fois, le directeur de Philips me demanda d'enregistrer un album en solo. Nous l'avons appelé « Apesantando Baden Powell », vous pouvez voir une fée sur la couverture, avec un visage magnifique. Mon second album fut « Viollao na Madrugada »

Je commençai également à jouer avec Silvinha telles et Dolores Duran. Je demandai à Dolores d'écrire des paroles sur mes compositions mais elle mourut avant d'avoir terminé.

Puis je rencontrai Billy Bianco et c'est avec lui que j'écrivis ma première samba officielle « Samba triste »

Un jour, alors que j'étais à « Radio National », je rencontrai un ami. Soudainement, je me tournai vers lui et lui dit : je ne jouerais plus jamais de guitare électrique. J'avais 19 ans et le lui fit cadeau de ma guitare et de tout l'équipement, et je n'ai plus jamais touché à une guitare électrique ». Depuis ce moment là, je n'ai joué que sur ma guitare classique, ce qui a obligé les gens à installer un microphone uniquement pour moi. Je fus le premier à jouer de la guitare devant un micro. Cela prit juste un petit peu de temps à mes amis pour s'habituer à ma guitare classique et ils changèrent d'instruments eux aussi.

Puis, je rencontrai Vinicius au bar « l'Arpège ». A ce moment- là, Il y avait un spectacle avec Tom Jobim et Ary Barroso. Vinicius passait son temps dans le bar. Un jour, je lui parlai, il me donna son numéro de téléphone et nous fixâmes un rendez vous. C'était au moment où il composa « Rancho das Flores » A notre première rencontre, il fut évident pour chacun de nous que nous allions passer du temps ensemble. J'allais vivre près de trois mois dans sa maison. C'était en 1959. Nous composâmes près de 12 sambas, dont "Samba em Preludio", "Consolacao", "So Por Amor", "Astronauta" parmi d'autres.mais nous n'avons jamais fait un concert entier ensemble

Je jouai par ci par là et lorsque j'étais en forme, je ne pouvais m'arrêter et j'oubliai tous mes rendez-vous. J'eus tout d'abord un contrat aux USA, mais je partis pour l'Europe car un ami m'avait vanté la beauté de l'Europe. Aussi je décidai d'y aller, sans avoir ni contrat ni autre chose. Je pris l'avion et arrivai à Orly. Je pensais y rester un mois, mais j'y restais 2 années. Le premier mois fut excellent et j'ai toujours refusé les contrats qui ne me plaisaient pas.

Enfin, je rencontrai Pierre Barouh, qui a toujours été passionné par le Brésil et qui parlait un peu portugais. Il vint me voir à mon hôtel, nous discutâmes et devînmes amis. Ce fut lui qui, après 3 mois d'amitié, fut à l'origine du contrat pour le concert à l'Olympia Ce fut une grande chance pour moi et je répétais toute la semaine. La veille du concert, je me brûlai les doigts avec du beurre chaud pendant que je préparais des œufs au plat. La poêle se brisa. Je mis de l'alcool et d'autres médicaments directement sur les mains et je pus ainsi jouer le lendemain. Ce fut un beau succès, même si je souffris énormément. Après ce concert, les choses allèrent beaucoup mieux pour moi. Je vécus en Europe pendant 2 ans et demi et ce fut une période difficile, mais bénéfique. Maintenant, ça me prend 15 jours avant de décider quelque chose.

Je revins au Brésil pour des raisons professionnelles. Ils jouaient « O Fino da Bossa » pour la télévision et je devais y participer. A cette époque, j'avais l'habitude d'improviser et à la fin je jouais toujours « Samba triste ». Je ne suis pas capable de dire par quel morceau je commençai. J'ai oublié. Une fois, je m'étais endormis sous les percussions et l'on vint me chercher pour jouer sur scène. Je me levai rapidement, encore endormi et commençai à jouer. Mais je ne savais pas quoi. Je commençai à inventer quelque chose pendant 10 minutes. Lorsque je m'arrêtai, j'entendis des applaudissements nourris. Elis Regina était surprise, elle ne connaissait pas le morceau. Puis je retournai me coucher sous les tambours et me rendormis.

Un jour, nous donnions un concert avec Alaide Costa au Yeatro Santa Rosa. Je devais jouer 2 fois ce jour là. Aussi je jouai la première partie du premier concert. Puis je revins dans les coulisses et avertis quelqu'un que j'allais dormir un quart d'heure et lui demandai de me réveiller pour la seconde partie. Au réveil, je me sentis en forme et voulus commencer le second concert de l'après midi, mais ils me dirent que je devais jouer la seconde partie du premier concert !J'étais un peu troublé, je passai un quart d'heure à argumenter et je jouai finalement dans la représentation prévue. C'était ma vie en ce temps là. Mais cette vie de bohème est terminée.

Je ne prends plus du tout part à des shows télévisés. Pour quelles raisons? Aujourd'hui c'est ainsi vous savez. La chose la plus importante c'est le compositeur et non la musique. Ils veulent créer un son libre et universel. Un son libre ? Pourquoi? Est ce que le son est en cage? Un Son est un Son, c'est tout. Et maintenant ces compositeurs veulent créer un son nouveau, mais le son ne peut être changé. C'est ainsi, la musique brésilienne est brésilienne, la musique américaine est américaine et la musique française est française.

Il y a peu, dans un studio en France, je parlais avec des chefs d'orchestres, des musiciens et des interprètes. Tous discutaient de musique et en résumé, disaient que seul le Brésil pouvait créer la meilleure musique. Ils disaient que les autres pays, vieux et fragiles, sont incapables de créer quelque chose de neuf. Ils ajoutaient que le Brésil peut donner au monde de la musique pour 30 années, avec un style différent pour chaque pays.

Et tous ces gens veulent importer des rythmes américains ou anglais. Pas avec moi ! Notre musique a une personnalité. La musique brésilienne est la samba. C'est pourquoi le peuple veut entendre de la samba. Pour quelle raison Wilson Simonal n'a joué à l'Olympia que 2 jours? Il voulut jouer sa propre musique et ça ne sonnait pas américain. Les gens ne comprenaient pas les paroles et n'ont pas entendu de samba, ils se sont levés et sont partis.

Personnellement, j'ai travaillé beaucoup pour arriver là où je suis, à l'étranger. Après le « O Fino da Bossa » enregistré pour la Télé, je suis revenu en Europe plusieurs fois. Dans les derniers temps, je donnai des représentations et fis des enregistrements en Allemagne, au Japon et dans d'autres pays. Mais le Japon est le pays le plus difficile pour moi car je ne comprends rien et je ne parle pas le japonais.

Bon, la chose la plus amusante qui m'est arrivée dans ma dernière tournée en Europe, c'est lorsqu'ils pensaient que je parlerais français. Je parle seulement le français de la rue, pas de problème pour dire quelques mots, mais faire une interview c'est autre chose.

Enfin, partout où je suis allé, il y avait toujours un présentateur et une jolie fille parlant français. Et lorsqu'elle commençait à me poser des questions en français, j'étais obligé de lui expliquer que ma langue était le portugais, dans laquelle je peux exprimer le mieux ce que je veux dire. Je pense que mon succès est dû au fait qu'ils pensent que je joue de la musique brésilienne. Les gens ne hurlent pas lorsqu'ils n'aiment pas ma musique, ils se lèvent simplement et partent. Lorsqu'ils n'entendent pas ce qu'ils sont venus entendre, alors ils n'aiment pas cela.

Actuellement, Baden est en train d'enregistrer un album au Japon avec une caméra. Cela signifie acheter un album avec un petit écran dans lequel vous pourrez voir un film avec Baden Powell. Fabriqué au Japon. Peut être a-t-il programmé une représentation au Théâtre de Rio en Mars et également une tournée dans plusieurs pays avant le carnaval de 1972.

Texte de Virginia Cavalcanti pour "Manchete", No. 983 - 20.2. 1971.
Fotos de Paulo Reis.

Traduction française par nos amis Chantal et Michel, Nouvelle Calédonie.

* * * * *

Baden geht von Bach zu Pixinguinha

Baden Powell lebt in seiner eigenen Welt. Ruhig und selbstbewusst, heute ist er der gefragteste brasilianische Künstler für Auftritte im Ausland. Er kennt den Wert der Arbeit, die er für die Verbreitung brasilianischer Musik im Ausland geleistet hat. Aber es war nicht leicht in anderen Ländern die Türen der Musikwelt zu öffnen, um die Position zu erreichen, die er heute innehat. Dies bedeutete einige stolze Spielzeiten einer Durststrecke in Paris, viel ernsthafte Arbeit und völlige Treue an die Wurzeln unserer Musik und an seinen unvergleichlichen Stil. Trotz der harten Kritiken, die sein altes Leben des Bohemiens verdiente, war die künstlerische Arbeit des in Varre-e-Sai geborenen Jungen immer unangreifbar. Heute jedoch ist er jemand, der etwas von den Dingen versteht und es gibt niemanden, der ihn in irgendeiner Weise kritisieren könnte. Vor allem ist Baden Powell jemand, der es versteht ein Freund seiner Freunde zu sein.

Mit seinem unzertrennlichen Instrument eroberte er das europäische Parkett und zeigte danach den Japanern den wahren Samba.

In Paris hatte Baden Powell zu Beginn eine Durststrecke durchzumachen. Heute ist er in Frankreich so berühmt, dass er jedes Jahr eine Langspielplatte aufnimmt.

Ich kenne Baden seit acht Jahren und habe ihn noch nie so ruhig gesehen. Der Mann, den man schwer in seiner Wohnung in Barra trifft, weil er die ganze Zeit bei seiner geliebten Freundin Márcia ist, ist jemand der Sicherheit und Ruhe ausstrahlt. Der durchdringende Blick ändert sich nicht. Selten trifft man ihn besonders heiter oder gesprächig an, denn das ist nicht seine Art. Als Enkel und Sohn von Musikern war Baden schon immer an sein Schicksal gebunden und hatte niemals den geringsten Zweifel daran. Er kann das bestätigen, da er sich noch gut daran erinnert, was er in seiner Kindheit erlebte.

Gut, dass ich nur eine Schwester, Vera, habe, denn wenn es mehr wären, hätte mich das eingeengt. Seit meiner Kindheit mochte ich Musik. Wenn ich morgens aufwachte, hörte ich meinen Vater spielen, Serenaten, und ich war mir sicher, dass ich früher oder später auch einmal spielen würde. Als ich vier oder fünf Jahre alt war, holte ich jedes Mal, wenn mein Vater zur Arbeit gegangen war, heimlich die Violine hervor und versuchte darauf zu spielen. Dabei war ich vorsichtig, denn wenn er mich erwischte, würde er mich schlagen. Eines Tages nahm ich gerade die Violine, als ich hörte, dass mein alter Herr nach Hause kam. Hörte man nicht ein Schlüsselklappern an der Tür? Nun so war es. So schloss ich den Geigenkoffer und zerbrach dabei den Bogen. Ich malte mir aus, dass er mich töten würde. Doch nein. Ich schätze, er wird sich gedacht haben: "Also wird er sich auch der Musik zuwenden."

Als ich sieben Jahre alt war, gewann meine Tante eine Gitarre in einer Verlosung, aber sie konnte nicht Gitarre spielen. So war sie nur zum Anschauen. Eines Tages war ich in ihrer Wohnung, wickelte die Gitarre in ein Badehandtuch und versteckte sie unter dem Bett, darüber nachdenkend, was ich sagen würde, um den Diebstahl zu erklären. Zwei Tage später entdeckte meine Mutter beim Saubermachen die Gitarre. Sie wollte sie zurückbringen, aber mein Vater ließ sie nicht. Er begann mir die ersten Griffe zu zeigen, und er sah, dass ich alles was er mir zeigte sogleich behielt, und nach kurzer Zeit spielte ich schon mit ihm zusammen, also entschloss er sich, mich zu einem Lehrer zu schicken, zu Jaime Florença. Bis ich 13 Jahre alt war, hatte ich bei ihm Unterricht. Dann sagte er mir: "So, nun ist es deine Angelegenheit."

Erwachsenen gegenüber war ich immer sehr schüchtern, aber mit den anderen Kindern war ich immer wild, bei Streichen war ich ein Teufel. Ich war ein großer Dieb von Mangos, Schwarzkirschen und Karambolas, ich war gut beim Murmeln, gut beim Raufen und ich spielte mit Steinen im Garten der Nachbarn, spielte mit dem Kreisel und vielen Ballons. Dort in Praça Pinto Peixoto, wo ich lebte, nachdem ich mit drei Monaten aus Varre-e-Sai weggezogen war.

Ich war immer ein Anführer beim Unsinn machen. Wenn sich in der Schule etwas ereignete, war ich immer als Erster dabei. Ich hatte Sportunterricht, die Frauen von den Männern getrennt, und im Mai machten alle Sport. Eine Stunde lang Unterricht. Und die Mädchen ließen ihre Kleidung im Hof hinter der Schule. Eines Tages nahmen ich und ein Mitschüler die ganze Kleidung, verknoteten sie fest miteinander und warfen sie in ein großes Becken, in dem die Wäsche der Schule gewaschen wurde. Das gab einen Aufruhr!

Also wurde ich hinausgeworfen. Sie warfen mich andauernd raus, aber da der Direktor mich sehr mochte und ich der Hornspieler in der Gruppe war, die auf Festen spielte, baten sie mich immer wieder zurückkommen. Einmal war ich hinausgeworfen worden, und sollte schon bei einer Parade in der Gegend von Vasco spielen. Sie kamen zu mir nach Hause, um mich zu holen, ich machte bei der Parade mit, gab bei der Rückkehr das Horn zurück und war immer noch hinausgeworfen. [De vez em quando eles me passavam pro turno da noite, pra eu nao ser expulso, porque os professores chegavam a fazer abaixo-assinado pedindo que eu saísse, pois eles nao agüentavam.]

Mit 14 Jahren, im dritten Jahr des Gymnasiums, wurde ich wieder einmal hinausgeworfen. Zu diesem Zeitpunkt war ich quasi schon ein professioneller Musiker, und bis heute habe ich den Unterricht nicht vermisst, den ich nicht gehabt habe.

Mit neun Jahren machte ich bei einem Talent-Wettbewerb mit, Ich war noch ganz klein und gewann deswegen ganz schön viel Geld. Es war dieses "noch so klein und spielt schon so gut Gitarre!?" Nun, so machte ich immer den ersten Platz.

Mit 10 Jahren hatte ich eine Gitarrenschülerin. Stellen Sie sich mal vor, sie war eine Dame von 60 Jahren, die lernen wollte einen Walzer zu spielen. Ich kam an, die Taschen voller Murmeln, und setzte mich, den Blick auf die Uhr gerichtet. Der Unterricht dauerte eine Stunde, aber schon nach 50 Minuten hörte ich auf. Ich

hielt es nicht aus, das Personal von draußen zu hören: "Wie kommt das, dass du es nicht geschafft hast?" Zu jener Zeit bezahlte mir die Schülerin ganz schön viel Geld. Aber es stellte sich heraus, dass die alte Dame Arthritis hatte und nicht richtig spielen konnte. Schließlich bezahlte sie mich dafür, dass ich eine Stunde für sie spielte, also spielte ich und sie hörte eine Stunde lang zu, danach ging sie.

Ich wurde ein Profi ohne es zu bemerken. In den Schulferien reiste ich mit Renato Murce, Eliana, Cil Farney und anderen Künstlern. Mit 14 Jahren gründeten ich, Bituca am Schlagzeug, Milton Banana und andere Jungs eine Gruppe, Unidos de São Cristóvão, und begannen auf Tanzfesten zu spielen. Wir erlebten jedes faule Geschäft!

Einmal veranstalteten Leute ein Tanzfest in Realengo. Ein Tanzfest für eine Taufe. Damals gab es für alles ein Tanzfest. Eine Hochzeit hatte nicht dieses Verreisen mit der Braut. Es gab einen Ball und sie blieb bis der letzte Gast gegangen war.

Manchmal war das Fest in dem Haus, wo das Brautpaar wohnen würde, und man musste zum Bett gehen, um die Hochzeitsgeschenke anzuschauen. Also, die Leute veranstalteten ein Tanzfest für eine Taufe. Es war ziemlich weit entfernt, also musste ich den Zug nehmen, und fuhr so etwa 20 Minuten ins Innere von Realengo. Ich sollte um sechs Uhr da sein und das Tanzfest sollte vier Stunden dauern. Wir kamen dort an, es war eine dieser anstrengenden Taufen, in einer drückenden Atmosphäre, sehr überladen. Und wenig Wasser. Das Kind wachte im Saal auf. Es weinte, aber es musste dort bleiben. Wir begannen den Ball um acht Uhr. Als es Mitternacht wurde, waren alle noch sehr ausgelassen und wir beschlossen für zwei weitere Stunden auf eigene Rechnung mit dem Ball weiterzumachen. Um zwei Uhr sagten wir dem Hausherrn, dass wir gehen würden und wollten die Abrechnung machen. Er war ein kräftiger, kleiner Kreole von anderthalb Metern, und er ließ uns nicht gehen. Er sagte, dass das Tanzfest weiterginge, auf seine Rechnung, und zwar bis sechs Uhr morgens. Als es sechs Uhr wurde, war er schon völlig betrunken und wollte die Leute nicht gehen lassen. Er drohte nicht, er sagte nichts. Er öffnete nur das Hemd, er trug ein Fischmesser im Gürtel, schloss die Tür ab und sagte: - Ihr geht erst, wenn ich es will.

Und das Kind war noch im Saal. Und das Personal sagte: - Guck mal die Musik an, mein Kind. Und wir spielten weiter. Wir fragten einen der Gäste, was die Leute tun könnten, und er sagte:

- Haben Sie nicht bemerkt, dass wenn er etwas sagt, niemand seine Meinung äußert, alle gehorchen? Er ist ein guter Soldat, aber man sollte ihn nicht ärgern. Es ist besser, wenn sie bleiben.

Also blieben wir. Bis um acht. Endlich öffnete der Kerl die Tür und ließ die Leute hinaus. Daraufhin bat unser Trompeter, Cecêu, um unser Geld. Nun sagte der Kerl: - Haben Sie nichts gegessen? - Ich habe gegessen. - Haben Sie nichts getrunken? - Ich habe getrunken. - Hat es Ihnen gefallen? - Es hat mir gefallen. - Also was wollen Sie noch. Dann waren die Leute weg und ich habe das Geld niemals gesehen.

Mit 16 Jahren spielte ich schon im Kabarett Lapa. Damals war das Lapa verboten für unter 21-jährige, aber ich arbeitete schon dort. Dann begann ich in Bars zu spielen, mit Orchestern und Gruppen und auch schon aufzunehmen. Ich hatte nicht die Probleme, die Künstler normalerweise bei Aufnahmen haben, weil ich ständig mit Orchestern in Studios war. Eines Tages fragte mich ein Direktor von Philipps, ob ich nicht eine Solo-LP aufnehmen wollte. Sie nannte sich "Apesentando Baden Powell", und auf den Cover war eine blonde Frau mit einem aufreizendem Gesichtsausdruck. Die zweite Platte nannte sich "Um Violão na Madrugada".

Auch begann ich Sängerinnen zu begleiten. Ich lernte Silvinha Telles kennen, die ich im Beco das Garrafas begleitete, und Dolores Duran, die ich im Jirau begleitete. Ich gab Dolores einige Stücke, damit sie Texte dafür schrieb, aber sie starb und es blieb keine Zeit mehr. Dann lernte ich Billy Blanco kennen, und mit ihm schrieb ich meinen ersten offiziellen Samba, und zwar "Samba Triste".

Eines Tages, kam ich beim Radio Nacional an und traf einen Freund. Plötzlich drehte ich mich zu ihm und sagte: - Nie wieder im Leben werde ich elektrische Gitarre spielen.

Ich war 19 Jahre alt. Ich gab ihm meine elektrische Gitarre und das ganze Zubehör und spielte niemals wieder auf einer elektrischen Gitarre. Ich spielte seitdem nur die klassische Gitarre, was die Leute zwang, für mich ein Mikrofon in der Nähe hinzustellen, nur für mich. Ich denke, dass ich es bin, der das hier eingeführt hat. Kurzer Zeit darauf war der Sound beliebt und mein

Freundeskreis stieg auf die klassische Gitarre um.

Dann lernte ich Vinícius in der Bar Arpège kennen. Erinnern Sie sich an diese Bar? Die Show zu dieser Zeit, stellen Sie sich vor, war mit Tom Jobim und Ari Barroso. Ich spielte in einer Bar in der Nähe und wenn ich fertig war, ging ich dorthin, um die Show zu sehen. Und Vinícius war immer dort. Eines Tages sprach ich mit ihm, er gab mir seine Telefonnummer und ich verabredete mich mit ihm. Damals hatte er gerade "Rancho das Flôres" geschrieben. Es brauchte viele Versuche, dieses "ich rufe dich morgen an", usw. Aber das erste Treffen bedeutete, sich zu treffen und zusammenzubleiben. Ich lebte drei Monate in seinem Haus. Das war 1959. Wir schrieben gleich um die zwölf Sambas. Darunter waren "Samba em Prelúdio", "Consolação", "Só Por Amor", "Astronauta" und andere. Aber ich habe nie eine Show für eine ganze Spielzeit mit Vinícius zusammen gemacht.

Damals spielte ich überall und wenn ich in der Stimmung war, spielte ich ein Lied nach dem anderen und vergaß alle meine Termine. So kam es, dass ich nach Europa ging: Ich hatte einen Vertrag für die Vereinigten Staaten unterzeichnet. Ich war mit einem Freund in einem Restaurant essen, es war schon sehr spät, und mein Freund sprach von Europa, wie toll Europa sei, usw. Also beschloss ich, dass ich selbst nach Europa gehen würde. Ohne Vertrag, ohne alles, ich nahm das Flugzeug und kam in Orly an, um zu sehen, wie es dort war. Ich wollte einen Monat bleiben, blieb aber mehr als zwei Jahre. Der erste Monat war gut, tausende Verträge abgelehnt. Im zweiten Monat wurde es schwieriger, aber ich gab nicht nach. Ich lehnte weiterhin die Angebote ab, die nicht so waren, wie ich es wollte.

Schließlich lernte ich Pierre Barouh kennen, der schon immer ein Interesse für Brasilien gehabt hatte und ein bisschen Portugiesisch sprach. Er suchte mich im Hotel auf, wir unterhielten uns und wurden Freunde. Er war es, der für mich im dritten Monat einen Vertrag über ein Konzert im Olympia arrangierte. Ich übte die ganze Woche davor, das war meine große Chance. Am Vorabend des Konzerts, war ich gerade dabei mir ein paar Eier zu braten, aber der Griff der Bratpfanne war locker. Die Butter lief über meine beiden Hände. Ich war völlig fertig, ich hielt die Hand in Alkohol mit anderen Arzneien und ließ sie dort bis zum nächsten Tag. Aber ich konnte spielen und es wurde ein großer Erfolg. Aber was für Schmerzen ich hatte! Nach diesem Konzert liefen die Dinge besser.

Zweieinhalb Jahre lang verbrachte ich in Europa. Es war hart, aber das war es wert. Heute muss ich höchstens 15 Tage dort verbringen, wenn ich irgendeine Sache regeln muss. Ich kehrte aus wichtigen professionellen Gründen zurück. Als ich zurückkam, war gerade die Phase des Programms "O Fino da Bossa" auf TV Record und ich spielte immer dort. Zu dieser Zeit fing ich manchmal an zu improvisieren und vergaß, können Sie sich das vorstellen, ich vergaß welches Stück ich am Anfang gespielt hatte, schließlich hörte ich immer mit dem "Samba Triste" auf. Einmal, schlief ich gerade unter dem Schlagzeug, als sie mich riefen, damit ich auf die Bühne ging. Ich war noch ganz schlaftrunken und wusste nicht was ich spielen würde. Also begann ich etwas zu erfinden. Ich spielte etwa zehn Minuten, ohne zu wissen was ich spielte. Als ich aufhörte, gab es Applaus und Elis sah mich fragend an, was ich gerade gespielt hatte, aber ich wusste es nicht. Ich kehrte wieder unter das Schlagzeug zurück und schlief weiter.

Ein anderes Mal hatte ich eine Show zusammen mit Alaide Costa im Teatro Santa Rosa. Es war schon viel Arbeit damals, finden Sie nicht? Kennen Sie das, wenn man lauter Sachen vergisst? Nun so war es. Also an diesem Tag hatte ich zwei Auftritte. Ich trat auf und spielte den ersten Teil des ersten Auftritts. Ich ging zurück in die Garderobe und sagte dem Personal, dass ich ein Viertelstündchen schlafen würde und dass sie mich aufwecken sollten, um den zweiten Teil zu spielen. Als ich erwachte, fühlte ich mich wach und ausgeschlafen. Nun dachte ich, dass ich den ersten Auftritt schon beendet hätte, und wollte den ersten Teil von vorn spielen als ob es schon der zweite Auftritt wäre. Ich brachte eine Viertelstunde diskutierend zu und trat richtig auf, aber ich war nicht überzeugt. Das ist also, was ich in jener Zeit erlebte. Heute ist alles anders, ich fühle nicht mehr dieses Bohemien-Leben.

Und ich trete nicht mehr im Fernsehen auf. Was soll ich im Fernsehen, sage ich mir? Was soll ich dort? Diese Programme, die sie dort haben? Nicht mit mir, ich bin nicht verrückt. Heute ist es so, wissen Sie, es geht mehr um den Komponisten als um die Musik. Sie wollen immer noch diesen freien, diesen universellen Sound erfinden. Einen freien Sound, wieso? Seit wann ist der Sound eingesperrt? Sound ist Sound, fertig. Und jetzt wollen diese Komponisten einen anderen Sound erfinden, aber der Sound kann nicht anders sein als er ist.[1]
Die brasilianische Musik ist brasilianisch. Die amerikanische ist amerikanisch und

die französische französisch.

Vor kurzer Zeit war ich in einem Studio in Frankreich und nahm an einem Treffen von Dirigenten, Musikern und Interpreten teil. Zufällig, die Leute waren im Studio und zur Zeit des Mittagessens gab es dieses Treffen. Sie fingen an über Musik zu diskutieren und kamen zu dem Schluss, dass kein Land mehr etwas in der Musik erschaffen könnte außer Brasilien. Dass die anderen Länder schon alt und verbraucht seien, dass sie nichts mehr zu geben hätten. Nur Brasilien hätte die Möglichkeiten etwas in der Musik zu erschaffen. Und sie sagten, dass Brasilien die Welt 30 Jahre lang versorgen könnte, mit einem anderen Stil von Musik für jedes Land.

Und diese Jungen wollen immer noch amerikanische oder englische Rhythmen importieren. Nichts da. Davon abgesehen, unsere Musik hat eine Persönlichkeit. Die brasilianische Musik ist der Samba. Deshalb wollen die Leute Samba hören. Warum ist Simonal nur zwei Tage im Olympia geblieben? Weil er dort hinkam und diese Sachen von ihm, diese Gaunereien, spielte, die nicht dem amerikanischen Sound entsprachen.[2]

Und da die Leute den Text nicht verstanden und keinen Samba vorfanden, standen sie auf und gingen.

Ich, zum Beispiel, habe hart gekämpft, um die Position zu erreichen, die ich heute im Ausland inne habe. Nach dieser Zeit mit Fino, kehrte ich mehrere Male nach Europa zurück. In letzter Zeit hatte ich Auftritte und Aufnahmen in Deutschland, in Japan und in anderen Ländern. Aber Japan ist am schwierigsten für mich, weil man einfach gar nichts versteht. Und ich spreche kein Japanisch. Aber wer spricht schon Japanisch? Haben Sie schon mal von jemandem gehört, der gelernt hat, Japanisch zu sprechen. Nun denn.

Nun das lustigste war, als ich meine letzte Tournee in Europa machte dachten sie, dass ich französisch spräche. Ich spreche ein Café-Französisch, eine Unterhaltung ist kein Problem, aber ein Interview geben ist eine andere Sache. Schließlich, an jedem Ort, an dem ich ankam, war dort im Fernsehen der Moderator und ein hübsches Mädchen, das Französisch sprach. Und sie begann mir alle Fragen auf Französisch zu stellen und ich musste mühsam erklären, dass meine Sprache das Portugiesische sei, in der ich mich besser ausdrücken könnte.

Ich denke, dass mein Erfolg dort daran liegt, dass ich das spiele, was sie für brasilianische Musik halten. Das Publikum dort pfeift einen nicht aus, aber wenn es ihnen nicht gefällt, stehen sie auf und gehen. Und wenn sie nicht das vorfinden, was sie erwarten, gefällt es ihnen nicht.

In diesem Moment dürfte Baden Powell in Japan sein, um eine Platte mit Bild aufzunehmen. Das bedeutet, man kauft sich eine Platte und einen kleinen Bildschirm, wo man einen Film des Künstlers sieht. Ein Ding der Japaner. In den Plänen für dieses Jahr gibt es vielleicht einen Auftritt im Theater in Rio im März und ab April Reisen in verschiedene Länder bis zum Karneval 1972.

From "Manchete", No. 983 - 20.2. 1971

Reportage von Virginia Cavalcanti
Photos von Paulo Reis

Anmerkungen:

[1] Die Begriffe "som livre, som universal" (freier, unabhängiger Sound) gehören zur Tropicalia-Bewegung der 70er, die neben kritischeren und realistischeren Texten (z.B. im Gegensatz zum Bossa Nova) vor allem musikalisch mehr internationale Einflüsse aus Rock und Pop aufnahm.

[2] Wilson Simonal (1939-2000) war ein brasilianischer Sänger, der wegen seines Stils, der Samba, Jazz, Rock und Soul vermischte, ironisch als "rei da pilantragem" (König der Gaunerei, Schurkerei) bezeichnet wurde.

Wir danken Robert G. herzlich für die deutsche Übertragung und Überarbeitung.